

Grupo pró aborto legal monta tenda após vítima de estupro ser agredida em frente a hospital público

Em frente ao Hospital Pérola Byington, referência no atendimento de mulheres vítimas de violência sexual, grupos montaram tendas para colocar seus pontos de vista.

(G1, 29/10/2019 - acesse no site de origem)

Um grupo de manifestantes legalistas está convivendo pacificamente com o grupo contra o aborto na praça em frente do Hospital Pérola Byington, no bairro da Bela Vista, região central de [São Paulo](#). Na tarde desta segunda-feira (28), nove voluntários estavam na primeira tenda enquanto cinco rezavam pelo fim do aborto na segunda.

O hospital é referência em atendimento a mulheres vítimas de violência sexual e realiza abortos nos três casos previstos por lei: estupro, gestação de fetos anencéfalos ou gravidez com risco de morte.

Cada grupo tem sua tenda armada em frente ao Pérola Byington. Desde o dia 25 de setembro o movimento “40 dias pela vida” monta diariamente sua tenda para realizar “orações e vigília contra o aborto” em frente ao hospital. Eles pretendem ficar lá até o dia 3 de novembro.

Procurado, o grupo “40 dias pelo fim do aborto” disse que não tem interesse em falar com o **G1**.

A tenda de manifestantes contrários a este primeiro movimento foi montada no sábado depois de uma mobilização feita pelas redes sociais pela escritora Daniela Neves, 47.

A ideia, segundo ela, surgiu depois que uma [mulher vítima de estupro coletivo foi agredida](#) pelo grupo “pró-vida” e a contra o aborto na última segunda-feira (21) **(leia mais abaixo)**.

“Eu iniciei esse movimento de vigília para proteger as pacientes e o corpo profissional do hospital, que estava sendo super assediado. A ideia surgiu porque sou vizinha, moro no bairro e soube da violência e não dá para não agir. Acho que não podemos normalizar essas coisas que acontecem, a gente não pode deixar passar algumas coisas”.



As duas tendas montadas em frente ao Hospital Pérola Byington: á direita o grupo contra o aborto e á esquerda, os manifestantes legalistas — Foto: Bárbara Muniz Vieira/G1

De acordo com Daniela, a convivência entre os dois grupos tem sido “completamente pacífico” e salienta que os voluntários de sua tenda estão surgindo de forma orgânica com a mobilização feita pela internet.

“Estamos dando como resposta um movimento pacífico, bonito. Estamos do lado deles sendo felizes mostrando que ali é um espaço de convivência e de diálogo. Conversamos com os moradores de ruas, com médicos e pacientes. Os moradores têm passado, se juntado a nós e nos abraçado. Quando a gente tem uma resposta dessas é uma vitória, ainda há esperança, tem muita gente boa no mundo e a gente consegue fazer uma coisa.”

Daniela conta que o outro grupo tem horários determinados para rezar. “Fora desses horários eles se fecham na tenda deles para não olhar para nós e para o que está acontecendo”, afirma. O grupo de legalistas se organizou e tem uma planilha com horários de revezamento. Eles pretendem ocupar a praça também até o próximo domingo (3).

A Prefeitura de São Paulo informou que manifestantes não precisam de autorização para montar tendas na cidade porque a manifestação política é livre.



Cartazes do grupo legalista defendem direito ao aborto previsto na Constituição — Foto: Bárbara Muniz Vieira/G1

Uma das voluntárias dentre os legalistas é a jornalista Andréa Werner, 43 anos. De acordo com ela, apesar da convivência pacífica, há um clima de tensão no ar.

“Cheguei ontem e fiquei boa parte da tarde aqui. Fica uma tensão no ar por mais que não tenha um conflito direto. Mais de lá do que aqui. Eles ficam em posição de alerta, enquanto nós estamos rindo e conversando”, diz ela.

Um grupo de moradores de rua também divide o espaço da praça com as tendas. Na tarde de segunda-feira (28), um morador de rua conhecido como Espeto disse à reportagem do **G1** que precisa de uma barraca para dormir à noite, quando a temperatura cai bastante.

“Ser pró-vida para mim é isso, é ver quem está mais próximo de você e ajudar. Fomos conversar com os moradores de rua e disseram que precisam de desodorante, absorventes. As pessoas não moram na rua porque querem, não é uma escolha. Acho que falta empatia”, diz Andréa.



Moradores de rua que ocupam quarteirão rua próxima ao Hospital Pérola Byington — Foto: Bárbara Muniz Vieira/G1

Daniela está aproveitando a mobilização popular para tentar ajudar os moradores. Ela criou uma [vaquinha virtual para arrecadar fundos para](#) comprar itens de higiene pessoal, roupas e barracas de camping.

“Quando a gente se envolve, não dá para cuidar de uma vida e esquecer de outra. No domingo os moradores da praça participaram do nosso churrasco, no sábado pedimos pizza e compartilhamos. Conversamos com eles para sabermos do que precisam e criei a vaquinha virtual”, afirma.

A mobilização vai continuar. No sábado (2), Daniela pretende ocupar a praça com música e atividades lúdicas, além de oferecer corte de cabelo aos moradores de rua, e plantar um canteiro de flores “pelo fim da violência contra a mulher”. “Quero uma coisa bonita para as pacientes que sofreram violência chegarem lá e terem uma coisa bonita para ver”, afirma.

Vítima de estupro é agredida

No último dia 21, a auxiliar de produção J., de 31 anos, vítima de estupro coletivo, foi conversar com os manifestantes, mas foi agredida. Segundo o boletim de ocorrência registrado no 5º DP Aclimação, J. foi estuprada em 29 de setembro no Rio de Janeiro e frequenta o hospital há cerca de 20 dias, onde tem ajuda psicológica, psiquiátrica e ginecológica.

Na segunda, ela foi até a tenda e perguntou a uma das manifestantes se ela sabia o que era empatia e que ela estava ali para conversar. Perguntou se a manifestante gostaria de ouvir sua história.

De acordo com o boletim de ocorrência, neste momento uma mulher identificada como C. foi até J. e começou a gritar com ela, que teria reagido e gritado de volta, dizendo que era uma vítima de estupro. Foi então que, segundo o boletim, um homem deu um golpe conhecido como mata-leão em J. e a segurou pelo pescoço, enquanto C. passou a atacar J. com tapas em seu rosto, peito, corpo e braço direito.

Uma policial militar que passava pelo local apartou a briga. J. foi levada por funcionários do hospital para dentro da unidade, onde foi medicada, de acordo com a polícia. Em seguida, foi à delegacia prestar depoimento.

De acordo com depoimento de C., a tenda dos manifestantes será montada diariamente das 8h às 20h até o próximo 3 de novembro, quando se completam os 40 dias de oração e vigília. Em sua versão dos fatos, ela disse que J. chegou à tenda alterada e nervosa, discutiu, tentou arrancar a tenda do local e lhe deu um tapa no rosto.

Segundo a polícia, o caso foi ajuizado como termo circunstanciado no Juizado Especial Criminal (JECrim) e seguirá sendo investigado.

Hospital segue atendimentos

O Hospital Pérola Byington prossegue normalmente com o atendimento. De acordo com nota divulgada pela Secretaria de Estado da Saúde, “independente de qualquer manifestação que possa ocorrer fora da unidade, até o momento, não houve qualquer impacto na rotina de atendimentos na unidade”.

No hospital as vítimas recebem assistência de equipe multidisciplinar, com médicos, psicólogos, assistentes sociais e outros, com foco no atendimento humanizado. A unidade oferece apoio à prevenção da gravidez decorrente da violência sexual e realiza abortos nos casos previstos em lei. Também há tratamento para traumatismos genitais, contracepção de emergência, medicamentos para evitar infecções por HIV, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e hepatites.

O Programa Bem Me Quer, do Pérola, é pioneiro no Brasil e considerado referência internacional no atendimento especial às vítimas de violência sexual. O serviço oferece atendimento 24 horas e dispõe de uma equipe multidisciplinar, capacitada a oferecer ajuda médica, social, jurídica e psicológica às vítimas, sem a necessidade de apresentar encaminhamento de outro serviço de saúde ou Boletim de Ocorrência Policial.

Ainda de acordo com a nota, a Secretaria de Saúde “trabalha constantemente para aprimorar o atendimento a vítimas de violência sexual e possui um Grupo Técnico Interdisciplinar de Combate a Violência, que se reúne periodicamente, tendo como norte a Linha de Cuidados às pessoas vítimas de violência, desenvolvida juntamente com o Ministério Público Federal, Defensoria Pública e serviços de referência. O objetivo é alinhar procedimentos e melhorar a

assistência”.

Por Por Bárbara Muniz Vieira